

08:00 Sociólogo Cristiano Lenzi, da USP, diz que gestão ambiental põe Brasil como péssimo parceiro

Por Pedro Caramuru

São Paulo, 14/07/2020 - O sociólogo e professor da Universidade de São Paulo (USP) Cristiano Luis Lenzi afirma que as transgressões ambientais do governo Bolsonaro põem o Brasil como um péssimo parceiro comercial e político, além de solapar a credibilidade do País. "Quando os países se preocupam com desmatamento da Amazônia, eles não estão meramente preocupados com o desmatamento, mas estão sinalizando uma quebra de pacto. Isso não é invasão de soberania porque houve uma quebra de acordo", disse ao **Broadcast Político**.

"Se a intenção do governo é desmatar, ele deveria primeiro ir lá fora e avisar que não participará mais dos pactos e acordos", disse, ao citar o exemplo dos Estados Unidos, que deixaram o Acordo de Paris em novembro. Segundo Lenzi, a perda de credibilidade faz com que o País seja privado de crédito e capital. "O ministro [do Meio Ambiente] Ricardo Salles é um gestor que não consegue conciliar economia e meio ambiente", afirmou Lenzi, que é professor de Gestão Ambiental na Escola de Artes, Ciências e Humanidades (Each) da USP e mestre em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

O sociólogo também vê obstáculos na crescente participação do vice-presidente e coordenador do Conselho Nacional da Amazônia Legal (Cnal), Hamilton Mourão, nas políticas ambientais. "Os militares e os que seguem uma agenda nacionalista bastante forte têm dificuldades em aceitar políticas globais", afirmou.

Na última semana, Mourão foi pressionado por um grupo de grandes empresas nacionais e estrangeiras e entidades setoriais que pedem a defesa da agenda do desenvolvimento sustentável e combate ao desmatamento na Amazônia. Ontem (14), ele participou de reunião do Senado e disse estar em "silêncio obsequioso" sobre Salles.

Liberalismo versus centralização

Outro ponto levantado por Lenzi é que, na gestão Bolsonaro, há "ímpetos" de descentralização, por meio da desregulamentação do setor do Meio Ambiente - a "porteira aberta do ministro Salles" -, ao mesmo tempo em que acontece um movimento de centralização burocrática, dada a eliminação de canais de participação.

De acordo com o professor, a centralização foi a forma que militares encontraram para dar maior segurança, ao ocupar o território da Amazônia, e estende uma visão policesca de gestão ambiental, por fiscalização e multas. "Uma governança mais real terá que enraizar os modos de vida que existem na Amazônia e fazer com que as práticas econômicas passem a conviver de forma mais virtuosa com a floresta. Isso não pode se dar apenas em meio a um sistema que coloca em termos punitivos", afirmou.

Contato: pedro.caramuru@estadao.com